



Estilhaços da recessão

Síntese: *Só um amplo mosaico de indicadores, informações, dados e estatísticas é capaz de retratar o estrago promovido pelas gestões do PT na economia brasileira. Os efeitos da recessão se fazem sentir cada vez mais e, aos poucos, vão sendo melhor dimensionados pela população. Em três anos, o país empobreceu como nunca, desempregou como nenhum outro e dizimou conquistas sociais de décadas, como explicitam os resultados do PIB, do IDH e o comportamento do mercado de trabalho ao longo dos últimos meses. É o preço de políticas irresponsáveis e inconsequentes iniciadas no governo Lula e aprofundadas por Dilma Rousseff.*

Ainda vai levar um tempo até que o Brasil consiga superar a mais grave crise econômica da sua história. A recessão é fruto de políticas equivocadas promovidas pelos governos do PT, iniciadas com Lula e aprofundadas por Dilma Rousseff. Os estilhaços dos retrocessos estão por toda parte e penalizam principalmente os mais pobres, com dificuldades crescentes de emprego e com condições de vida depauperadas pelo empobrecimento geral da população.

Elencar as diversas manifestações da crise é crucial para bem dimensionar a herança maldita legada pelos governos petistas. Os efeitos perversos se fazem sentir hoje, como se farão ainda por longo período até que o país consiga virar a página de dificuldades que ainda enfrenta e recolocar a economia nos trilhos dos quais foi desvirtuada por políticas voluntaristas, irresponsáveis e intervencionistas patrocinadas pelas gestões do PT.

O desempenho do PIB brasileiro ajuda a estimar com maior precisão o tamanho do estrago. O Brasil enfrenta sua mais longa e profunda recessão, superando com folga o crash mundial dos anos 1930, a crise da dívida do começo dos anos 1980 e a quebradeira geral que se seguiu às medidas econômicas do governo Fernando Collor de Mello. Nunca antes na história, o país viveu situação tão grave quanto à que fomos levados pelo PT.

Por dois anos consecutivos, o PIB brasileiro encolhe: 3,8% em 2015 e 3,6% em 2016. Do ponto de vista estatístico, a recessão começou no segundo trimestre de 2014. Tomado este ponto de partida, o produto interno do país já caiu 9%, de acordo com as contas nacionais do IBGE. As projeções indicam alta modesta, de 0,5%, neste ano.

O atual nível de produção de bens e serviços no país é o mesmo do terceiro trimestre de 2010. Isso significa que o Brasil está estacionado no patamar de quase sete anos atrás. No último trimestre de 2016, todos os setores que compõem o PIB tiveram desempenho negativo no cotejo com os dados de um ano antes. Trata-se de desempenho inédito na economia brasileira desde 1996.

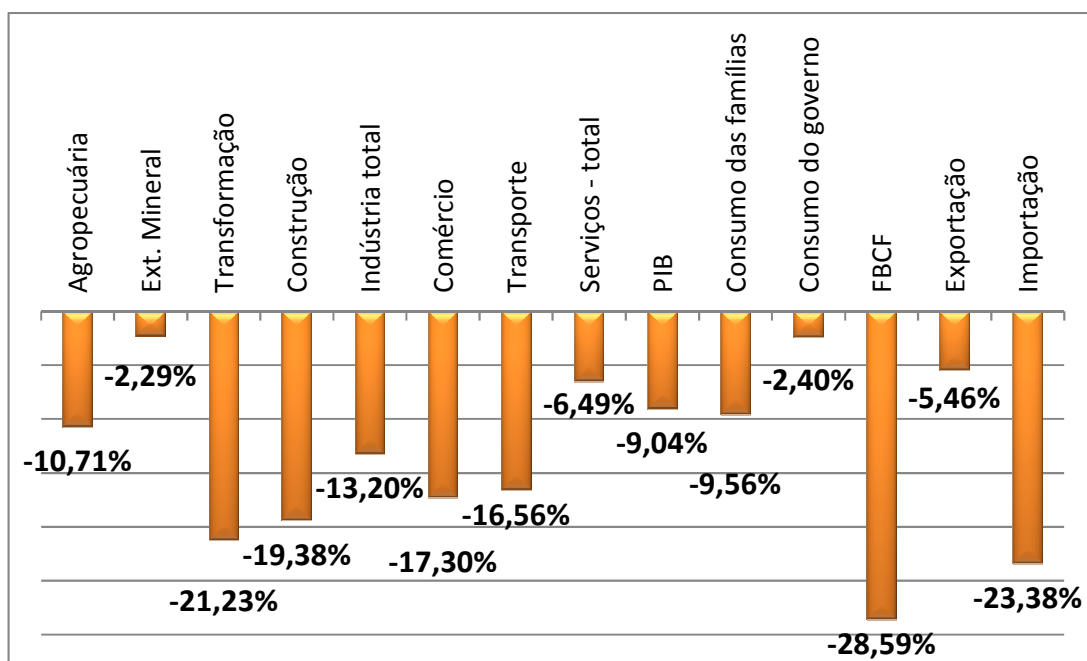
Pior é o efeito da recessão sobre o PIB per capita, ou seja, a média de riqueza do país ponderada pelo número de habitantes. A queda desde 2013 soma 9,2%, também a mais aguda já medida por aqui. Em reais, se tudo der certo, o PIB per capita brasileiro voltará ao nível em que se encontrava no início desta década lá pelo ano 2020; em dólares, a recuperação ainda demorará uns três anos a mais.

A crise se espalha por todos os setores

Todos os setores que compõem as contas nacionais estão hoje com produção muito abaixo de suas máximas históricas. Em alguns casos, o retrocesso é de vários anos. A maior queda é a da formação bruta de capital fixo, ou seja, os investimentos em máquinas, obras e equipamentos, com baixa de 28,6% acumulada desde o terceiro trimestre de 2013. Um dos reflexos imediatos desta redução é sentido na taxa de investimentos do país, que desceu ao recorde negativo de 16,4% do PIB no fim de 2016.

Também caiu com força o PIB da indústria da transformação, que acumula recuo de 21,2% desde a máxima histórica e que encontra-se hoje no mesmo nível em que estava em fins de 2003. Uma das consequências é que a participação do setor na riqueza nacional despencou para seu mais baixo patamar desde a década de 1950: 11,7% do PIB.

Queda acumulada do PIB em relação à máxima histórica



Fonte: IBGE/Contas Nacionais, 4º trimestre de 2016

Outras quedas relevantes são: construção (-19,4% desde a máxima, no primeiro trimestre de 2014), importações (-23,4% desde o segundo trimestre de 2013), comércio (-17,3% sobre o início de 2014) e indústria geral, com recuo de 13,2% ao longo de três anos.

O IDH e os retrocessos sociais

Uma forma mais ampla de medir as condições gerais do país é dada pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) para 188 nações. Na rodada relativa a 2015, divulgada neste mês, o Brasil aparece na 79ª posição, estacionado em relação ao ano anterior.

Nos detalhes, porém, o IDH revelou uma piora nas condições de vida no país. Mais abrangente que o PIB, o indicador da ONU é formado por três dimensões: educação (expectativa de anos de estudo e média de anos de estudo de um adulto), saúde (expectativa de vida) e renda per capita. O Brasil continuou avançando nas duas primeiras, mas despencou na terceira.

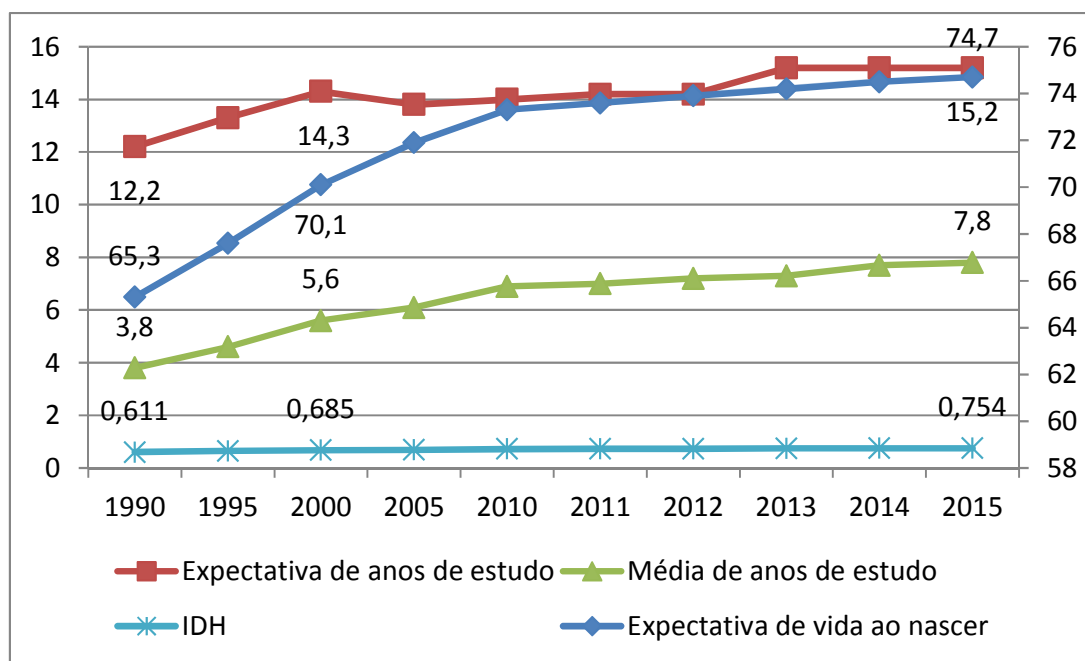
Em 2015, a renda média dos brasileiros caiu 4,6%. Segundo a Fundação Getulio Vargas, voltou a acontecer naquele ano a perversa combinação de queda de rendimento e aumento da desigualdade, inédita por aqui no último quarto de

século. Em apenas um ano, a pobreza cresceu quase 20% no país, somando mais 3,6 milhões de pessoas, e a extrema pobreza subiu 23%.

No IDH ajustado para o aspecto da desigualdade, o Brasil caiu 19 posições entre 2014 e 2015, desempenho que, neste quesito, só não foi pior que os de Irã e Botsuana. O país mantém-se entre os dez mais desiguais do mundo e o quarto no continente americano.

Como 2015 foi apenas o primeiro dos anos mais agudos da crise econômica, todos os prognósticos são de que as condições de vida no país pioraram ainda mais em 2016. Com o desemprego e a inflação, que ainda galopava até a segunda metade do ano passado, a renda da população terá diminuído ainda mais. Pior será se os indicadores de saúde e educação também reagirem negativamente, freando melhorias contínuas das duas últimas décadas no país.

Evolução dos componentes do IDH – Brasil (1990-2015)



Fonte: Pnud/Relatório de Desenvolvimento Humano, 2016

Os avanços sociais vinham de longa data, desde a última década do século passado. Mas o ritmo de melhorias despencou na era PT. O IDH médio cresceu 1,15% ao ano entre 1990 e 2000 e 0,64% entre 2001 e 2015. A expectativa de vida subiu em média 0,7% no primeiro período e 0,4% no segundo. A média de anos de estudos aumentou 3,9% anuais na última década do século passado e 2,2% entre 2001 e 2015.

Desemprego, a pior chaga

Mas o pior aspecto da recessão que decorre das políticas ruins promovidas pelos governos do PT continua sendo o desemprego. Nunca antes o Brasil teve tantas pessoas sem trabalho. Também mantemos o título nada honroso do país que mais gera desempregados em todo o mundo.

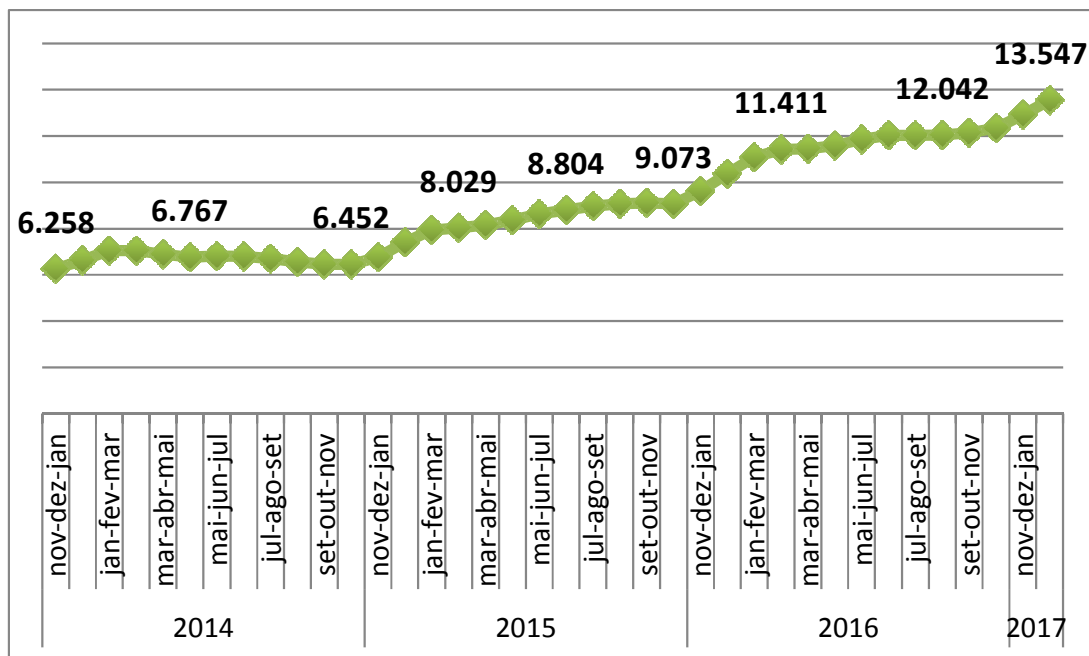
Desde o trimestre terminado em novembro de 2014, o exército de desocupados vem aumentando de maneira contínua no país. Saltou de 6,45 milhões para os atuais 13,55 milhões. Ou seja, no curto espaço de dois anos e três meses mais 7 milhões de brasileiros ficaram sem emprego, com alta de 110% no período.

A taxa de desocupação encontra-se atualmente no patamar mais alto registrado na série do IBGE, iniciada em 2012: 13,2%. Em contraste, o total de pessoas ocupadas no país é o mais baixo em cinco anos. São agora 89 milhões de

brasileiros, o que equivale a 53,4% de pessoas em idade de trabalhar.

No entanto, conceitos mais amplos de medição do desemprego revelam um quadro ainda mais dramático. Quando se consideram no cômputo também aqueles que desistiram de procurar emprego (desalento) e aqueles que, mesmo querendo, não conseguem atuar por pelo menos 40 horas semanais (subocupação), o país conta com 24,3 milhões de pessoas sem trabalho.

Total de pessoas desocupadas (em mil)



Fonte: IBGE/Pnad Contínua Mensal, fevereiro de 2017

Entre grupos específicos, a situação é mais grave entre os jovens – em torno de 26% estão sem emprego. A taxa de desemprego entre pretos e pardos é 20% mais alta que a média geral. Quando comparada à dos brasileiros brancos, é 52% maior e, entre mulheres, é 30% mais alta que entre homens.

As perspectivas, infelizmente, não são de reversão desta grave crise no curto prazo. O emprego é um dos últimos aspectos a reagir quando a economia começa a se recuperar, o que deve acontecer, ainda timidamente, neste semestre. Todos os prognósticos são de que as taxas de desocupação ainda continuarão aumentando pelo menos até a segunda metade deste ano, para só então, se tudo correr bem, estacionarem e depois começarem a baixar. Quanto às condições de vida, a economia brasileira ainda terá de purgar um longo período consertando os profundos estragos feitos nestes últimos anos antes de voltar a avançar e gerar mais bem-estar para a nossa população. O caminho será longo, e árduo.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela.